

GESTÃO.Org

Revista Eletrônica de
Gestão Organizacional

ISSN 1679-1827

www.gestaoorg.dca.ufpe.br

Volume 4, Número 3, nov./dez. 2006

RESENHA

REPOSITIONING ORGANIZATION THEORY

Rodrigo Gameiro

Universidade Federal de Pernambuco

Bruno César Alcântara

Universidade Federal de Pernambuco

O Livro de Steffen Böhm, atualmente professor da Universidade de Essex na Inglaterra, é fruto de sua tese de doutorado, e traz aos estudos organizacionais contribuições que vão da discussão sobre abordagens pós-modernas nos estudos críticos em administração ao interesse recente pela pesquisa dos movimentos sociais e outras formas de organização social e política como possibilidade de romper com as formas hegemônicas de abordar o tema das organizações. Pela interdisciplinaridade no tratamento da teoria organizacional este livro é também uma contribuição às discussões sobre as organizações nas ciências sociais em geral. Porém, seu foco é a teoria organizacional numa particular construção que busca reposicioná-la, isto é, construir estratégias que lhe permita ir além do particular discurso do *management* e, em certo sentido, de algumas das atuais correntes críticas a esse discurso.

É característico dos trabalhos de Steffen Böhm a articulação da teoria organizacional com a teoria sócio-política, numa tentativa de desconstruir a idéia da organização como um assunto de âmbito restrito (micro-político) e assim conectá-la a processos sociais mais amplos como a luta contra as formas de organização impostas pelo sistema capitalista. Com linguagem clara, prazerosa e bastante didática, o livro é construído a partir de uma estratégia de crítica dialética, pois parte de uma tese (*'positioning project of organization'*), que para o autor posiciona a organização dentro dos limites do discurso do *management*. Em seguida é apresentada uma antítese (*'depositioning project of organization'*), que para o autor vem sendo construída fundamentalmente por autores do *Critical Management Studies*. Steffen Böhm apresenta as limitações das estratégias do *'depositioning project'* para então construir uma nova síntese dialética (*'repositioning project of organization'*), que pode ser interpretada como uma reconstrução a partir da fragmentação e das falhas do projeto anterior, que não considera as relações sócio-políticas mais amplas. Estas para o autor constituem as infinitas possibilidades do social, que nunca se completa. Isso, no nosso entendimento, caracteriza o argumento central de Steffen Böhm, que propõe que o *'repositioning project'* seja entendido como uma impossibilidade dialética.

Na primeira parte do livro, o autor faz um panorama geral do que consistirá a obra apresentando algumas das influências intelectuais que irão nortear sua construção.

Preocupado com os efeitos despoliticizantes (*'depoliticizing effects'*) de algumas correntes dos estudos críticos salienta o esquecimento, pelos autores da área, dos aspectos políticos e sociais que envolvem o assunto das organizações. Argumenta que os partidários desses efeitos analisam as organizações enfatizando somente processos locais, como se as formas de organização social possíveis fossem construídas dentro das próprias organizações e sem influência de aspectos sócio-políticos mais amplos. Alerta então para o conhecimento do processo de organização para além do que ocorre nas organizações, o que envolve suas relações e vínculos com a economia, com os mecanismos de controle estatais e com a maneira como a sociedade civil legítima ou não as formas hegemônicas de organização social. Nesse sentido, o autor adverte para a necessidade de levar a sério o conceito de hegemonia, que permite entender as articulações que suportam as possibilidades de organização social vigentes e, a partir dessa compreensão, vislumbrar outros modos de construção de uma nova articulação hegemônica entre aquelas esferas. O conceito de hegemonia é central no livro, e sua base teórica está calcada no trabalho de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe intitulado *Hegemony and Socialist Strategy*.

O autor aprofunda-se nas bases filosóficas do conceito de hegemonia. Sem ficar apenas no plano epistemológico, busca a dimensão ontológica da organização moderna para construir a **Parte II** do livro. Mostra como o conceito de hegemonia está enraizado nas tradições filosóficas tanto da teoria crítica como do pós-estruturalismo. Compreende que essas tradições filosóficas compartilham o entendimento filosófico dialético como um movimento. Nessa tarefa o autor preocupou-se em construir qual noção de dialética considera no livro. Define a dialética não como um método específico, mas um movimento geral entre negatividade e positividade que é imanente a todos os aspectos da organização social. Dessa maneira, a dialética coloca em questão posições estabelecidas da organização social e possibilita imaginar diferentes posições de como a sociedade poderia ser organizada. Nesse sentido, parte de uma determinada concepção de dialética que não se preocupa em produzir uma síntese final. A questão da organização social permanece aberta e permeada pela impossibilidade.

Na construção dessa argumentação Steffen Böhm recorre aos filósofos alemães pré-Segunda Guerra Mundial e franceses Pós-

Segunda Guerra. Da tradição alemã traz contribuições para os estudos organizacionais de Heidegger, Adorno e faz constante referência a Walter Benjamin, da francesa são recorrentes as contribuições de Derrida, Lacan e Foucault. Segundo ele, o que une esses autores é a concepção compartilhada do conceito de *destruction*, trabalhado pelos alemães e o de *deconstruction*, trabalhado especialmente por Derrida. Tenta mostrar que estes autores trabalham com esses conceitos não para propor uma negação que erradica a história e a tradição, esse movimento de negatividade visa uma afirmação, uma nova vida, uma nova experiência. Apesar disso o autor toma evidente no livro a dificuldade de definir o conceito de *destruction*, como também a idéia de *deconstruction*.

A partir disso Steffen Böhm procura ressaltar os aspectos de interligação entre as idéias de desconstrução e de impossibilidade da organização social. Ao tentar fazer a ligação entre o evento político e a organização social, recorre à teoria política de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, inscrita numa tradição desconstrucionista do pensamento, em que o movimento dialético entre a possibilidade e impossibilidade é o centro da questão da organização social. Um conceito fundamental na descrição desse movimento é o de hegemonia. A concepção de hegemonia de Laclau e Mouffe parte da concepção política da sociedade como uma impossibilidade.

A partir dessas concepções filosóficas e conceitos sócio-políticos o autor constrói a **terceira parte do livro** em que traz uma dimensão mais prática. Considera e tenta mostrar como a teoria e a prática organizacional estão fundamentadas na hegemonia do discurso do *management*. Especificamente discute o discurso da gestão do conhecimento conectando esse assunto com considerações sobre a pós-modernidade e o pós-fordismo. Critica suas políticas, que para ele são as mesmas do capital e do *management*, e mostra a gestão do conhecimento como um discurso particular da teoria organizacional. Como discurso particular não dá conta de todas as outras possibilidades a que a área está passível, por isso não pode ser a representação do todo da teoria organizacional. Para o autor essa hegemonia não é algo sempre estável e fechado, ela está aberta a novas possibilidades e novos regimes de organização social.

Em seguida, baseado na idéia que uma articulação hegemônica nunca pode ser totalmente completa e que sempre existirão *'gaps'* no que parece ser uma dominação

totalitária do *management*, o autor apresenta alguns discursos de resistência que se articulam contra o *'positioning project of organization'*. Essas resistências caracterizam o que o autor chama de *'depositioning project of organization'*, por apontarem para o caráter contingente e inconclusivo (*undecidable*) de toda tentativa de posicionar a organização. No entanto, para o autor esse discurso não está totalmente preparado para a luta contra o discurso hegemônico do capital e do *management*, que posicionam a organização em um campo restrito e particular. Dessa maneira mostra as limitações das estratégias desse projeto e como acabam sendo uma continuidade do discurso do capital, pois fetichizam os processos locais e não mostram como a organização é um processo social mais amplo, que envolve a economia, o estado e a sociedade civil e assim acabam contribuindo para a despolitização da teoria organizacional.

A partir da identificação dessas limitações o autor procura avançar sobre os projetos anteriores e apresenta algumas estratégias de politização da teoria organizacional (*'repositioning project of organization'*). Trabalha com a idéia de que a incompletude da hegemonia (do capital e do *management*), que sustenta a organização da sociedade em nossos dias, sempre abre possibilidade para decisões políticas que podem reposicionar a organização. O *'repositioning project'* fundamenta-se na concepção gramsciana de organização social como um bloco histórico hegemônico que nunca é estável e complementa esse entendimento seguindo a concepção de hegemonia de Laclau e Mouffe que consideram a organização social uma impossibilidade.

Nessa tentativa de avanço apresenta as contribuições da *'Labour Process Theory (economy)'*, da *'Liberalist Organization Theory (state)'* e da *'Social Movement Theory (civil society)'* que, apesar das diferenças, têm em comum a preocupação em repolitizar a teoria organizacional. Num esforço de construção desse reposicionamento o autor se compromete com o que para ele são os discursos anti-capitalistas, principalmente dos movimentos sociais e outras organizações da sociedade civil. Para o autor estes últimos vêm desafiando as formas hegemônicas de organização presentes na vida social por meio de práticas alternativas de organização. Com isso, trazem a possibilidade de construção de uma contra-hegemonia pela sua abrangência e imensas possibilidades políticas.

Steffen Böhm **conclui o livro** fazendo uma retomada das idéias do projeto de ***Repositioning Organization Theory***. Explica que a construção dialética da argumentação permitiu explorar os limites dos projetos de *positioning* e *depositioning*, de modo que na síntese dialética dois aspectos emergiram: a impossibilidade e a estratégia. Salaria que a idéia da impossibilidade da organização visa tanto a crítica à hegemonia contemporânea do discurso do *management*, como explorar as possibilidades futuras de uma diferente organização social. Se por um lado aponta para impossibilidade do posicionamento e da finalização da organização social, por outro leva à criação de meios alternativos de posicionamento da organização social. Então não é apenas se render à idéia da impossibilidade da organização como faz o *'depositioning project'*, mas fazer a organização social possível, o que implica vê-la como um projeto estratégico de *'repositioning of social organization'*.

Por fim, o autor chama a atenção e questiona sobre as possibilidades e aspectos singulares do *'repositioning project'*, esclarece que a síntese não apresenta um pensamento em termos acabados, pelo contrário, parte da concepção de que uma posição hegemônica nunca é final, ou seja, um discurso que visa construir uma nova

articulação hegemônica é sempre parcial. Assim, as possibilidades políticas do *'repositioning project'* não constituem uma resposta final sobre como (re)posicionar e organizar o social, pois esse projeto não pode ser visto como uma síntese essencial, mas um processo estratégico, um movimento, uma crítica dialética que é sempre parcial e composta de falhas e contingências.

A mensagem principal e recorrente em todo livro é a preocupação com a (re)politização da teoria organizacional. Nesse sentido, Steffen Böhm sugere que a teoria organizacional precisa em certa medida ser trabalhada com base em um tipo de ativismo acadêmico que esteja apto a responder questões urgentes da sociedade. Não resta dúvida que o livro de Steffen Böhm traz um enriquecimento às correntes dos estudos críticos em administração, principalmente às que ainda não estão aptas filosófica e teoricamente para entender a influência da hegemonia do capitalismo na maneira como as sociedades se organizam. Uma forma de o fazer é buscar em formas de organização diferentes das normalmente estudadas, como os movimentos sociais e outras iniciativas de organização advindas da sociedade civil, o que pode trazer possibilidades de análise e formulação de efetiva crítica às formas de organização hegemônicas do capital.

BÖHM, Steffen. **Repositioning Organization Theory: impossibilities and strategies**. Basingstoke: Palgrave, 2006. 248 p.

Rodrigo Gameiro

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco (PROPAD/UFPE).

E-mail: rgameirog@yahoo.com.br

Bruno César Alcântara

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco (PROPAD/UFPE).

E-mail: bruno_alcan@yahoo.com.br